



*Artigo  
da capa*

# **Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações entre Turismo e Envelhecimentos**

[Artigo 1, páginas de 8 a 19]





### **Susana de Araujo Gastal**

*Doutora em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), fez estágio pós-doutoral na Universidade Católica Portuguesa e foi bolsista de Produtividade CNPq. É professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade na Universidade de Caxias do Sul (RS). Ênfases de pesquisa: pós-modernidade; cidade, cultura e turismo; gastronomia; imagem; imaginários.*  
[susanagastal@gmail.com](mailto:susanagastal@gmail.com)

### **Felipe Zaltron de Sá**

*Mestrando em turismo e hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (RS). É bolsista pela Capes/Prosc. Ênfases de pesquisa: pós-modernidade; cidade, cultura e turismo; mobilidade.*  
[felipezaltrondesa@gmail.com](mailto:felipezaltrondesa@gmail.com)



**Artigo 1**Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações  
entre Turismo e Envelhecimentos**RESUMO**

O presente artigo busca discutir os processos contemporâneos associados ao envelhecimento e à prática do turismo nessa faixa etária. As viagens implicam pensar a mobilidade, que altera as relações espaço-temporais, entre outras, ao tornar primordial a presentificação do vivenciado, com consequências diretas sobre as memórias pessoais e coletivas. Portanto, o artigo, de teor ensaístico, objetiva repensar o envelhecer e sua relação com o turismo. No que segue, discute-se o processo de envelhecimento e os desdobramentos nos imaginários velho senil e velho infantil e a apropriação do segundo pelo turismo no programa Viaja Mais Melhor Idade. Considera-se que mesmo que os ditames da nova economia da longevidade afetem diretamente o turismo, é necessário considerar os lados humano e social das atividades que envolvem as viagens.

**Palavras-chave:** turismo; velhice; mobilidade; memória; Viaja Mais Melhor Idade.

**ABSTRACT**

*This paper discusses the contemporary processes associated with aging and tourism. Travel implies thinking about mobility, which alters space-time relations, among others, by promoting as primordial the presentification of the lived experience and its consequences for personal and collective memories. Therefore, the essay aims to rethink aging and its relationship with tourism. In the following pages we discuss the aging process and old-senile and old-child imaginary, and the appropriation of the second by tourism in the project Viaja Mais Melhor Idade. The new economy of longevity affect tourism consumption directly but it's necessary to consider the human and social implications of travel activities..*

**Keywords:** tourism; old age; mobility; memory; Viaja Mais Melhor Idade.

## INTRODUÇÃO

No momento contemporâneo – época que tem sido designada como pós-modernidade –, duas faixas etárias convivem no que genericamente é tratado como *velho*: as assim tratadas como *terceira idade*, indicando aqueles com mais de 60 anos; e os agora incluídos na *quarta idade*, aquelas pessoas com mais de 80 anos, que se beneficiam dos avanços da medicina e da maior qualidade de vida a que foram expostos nas últimas décadas. Em ambos os casos, estamos frente a um fenômeno de longevidade inédito na história humana e com o qual as unidades sociais, de forma geral, ainda não estão plenamente preparadas para lidar. O que inclui as ofertas e as práticas associadas ao lazer e ao turismo.

Enquanto a quarta idade reúne os que alcançam idade avançada, mas seguem padrões tradicionais para o dito *ser velho*, a terceira idade – que para fins desse artigo vamos tratar como fase da *envelhecimento* – é fruto das importantes alterações sociais que assinalaram os momentos que se seguiram à Segunda Grande Guerra europeia. Dentre elas, estão aquelas desencadeadas pelas comunidades afrodescendente (*black power*), homossexual (*gay power*), feminista (*woman's lib*) e jovens (*hippie*). Com maior ou menor ênfase, os impactos de tais movimentos, de forte apelo político, propugnaram a difusão de novos valores e significados, alterando modos de ser pessoais e coletivos em termos de sociabilidade, sexualidade, relação com o próprio corpo e desenho familiar, dentre outros. A emergência de uma geração de velhos formada por pessoas participantes desse novo desenho sociocultural virá em momento subsequente, quando a maturidade etária desse grupo acontece.

Essa geração, nascida entre 1945 e 1955, tratada como geração *baby boomer*, tendo lutado pela reformulação dos direitos civis e pela qualidade de vida, vivenciou novas formas de ser e estar no mundo a cada nova faixa etária que adentrou. Na atualidade, ela está envelhecendo e o faz de forma diferenciada – são os *neovelhos* da pós-modernidade –, não só porque um número maior de sujeitos alcança idade mais avançada, considerando-se a população em geral, mas também porque eles não querem ser vistos à semelhança dos velhos de gerações anteriores ou dos que hoje estão na quarta idade, “uma vez que eles realmente viveram uma experiência geracional totalmente distinta” (Pollini, 2014, p. 20).

O desenho familiar, com menos crianças e maior número de idosos, significará, segundo Felix (2019, p. 13), que “(...) a nova família altera sua cesta de necessidades e de consumo. A essa transformação estrutural denomina-se economia da longevidade (*silver economy* ou *longevity*

## Artigo 1

Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações entre Turismo e Envelhecimentos

1 *Doce de Mãe*, seriado com 14 episódios, com direção de Ana Luiza Azevedo e Olívia Guimarães e direção-geral de Jorge Furtado, exibido entre 30 de janeiro e 8 de maio de 2014, na Rede Globo. Narra peripécias de uma octogenária nada convencional nas suas relações sociais e familiares. O seriado ganhou o Emmy Internacional de Melhor Comédia (2014).

*economy*)”. A economia da longevidade incluirá despesas com academia, tratamento estético, lazer e viagens. Também implicará na sua apropriação como segmento de mercado, sob o rótulo de *melhor idade*. Sobre tal rotulação, a personagem Picucha, interpretada por Fernanda Montenegro no seriado *Doce de Mãe*, faz a seguinte afirmação: “Essa história de melhor idade é só pra vender pacotes de turismo para velho”.

Por que tal tratamento é considerado pejorativo e desabonador? Talvez porque traga implícito certa infantilização da faixa etária, não fazendo jus aos históricos pessoais e coletivos daqueles que se empenharam, nos anos 1960, em reinventar modos de viver. Tal percurso passa pelo reconhecimento das especificidades de cada sujeito na faixa etária, no qual duas questões podem ser destacadas como prioritárias, inclusive por seus desdobramentos sobre a saúde física, mental, afetiva e sobre as práticas turísticas: mobilidade e memória.

A mobilidade espacial, mais especificamente, envolve formas de percepções espaço-temporais nos percursos internos das cidades ou nos deslocamentos turísticos para além delas, demandando adequações nas estruturas físicas dos lugares. Acrescenta-se que o *estar* no mundo contemporâneo só pode ser repensado pelo viés da mobilidade (Lash; Urry, 1994) e, ainda que o deslocamento físico-espacial seja essencial, o psíquico afetivo será o mais afetado ao envolver o modo como as pessoas experimentam o mundo e produzem sua própria subjetividade, entre outros, através da memória.

Dessa maneira, a memória e as afetividades estarão entrelaçadas ao movimento, por se tratar de um processo que, ao desenhar o presente, condiciona o futuro e pode ressignificar o passado. Significa dizer que a memória, na sua subjetivação através da mobilidade física, psíquica e afetiva, acrescenta complexidade às vivências cotidianas dos envelhecidos e dos velhos, por si só já complicadas. Passado, presente e futuro confundem-se não só em termos temporais, mas também em termos espaciais, porque a viagem, quando acontece, se dá tanto percorrendo lugares como também alimentando memórias.

No viés das viagens, os discursos sobre a memória, tão caros ao turismo, ganham certa obviedade ao serem tratados como item de mercado, não só por desconhecerem as subjetividades, mas por se colocarem na contramão das demandas dos novos segmentos de consumidores de viagens, entre eles aqueles considerados como *melhor idade*, muito mais exigentes em termos de qualidade e originalidade (Gastal; Possamai; Negrine, 2010).

### PERFORMATIVIDADE NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Nos processos contemporâneos de envelhecimento emergem marcas significativas de novos modos de ser e estar no mundo, redesenhando cotidianos, territorialidades e modos de desfrute do lazer. Laslett (1989) propõe uma diferenciação não cronológica entre terceira idade e velhice (quarta idade), sendo a primeira o momento da satisfação pessoal e, a segunda, o período da dependência, da decrepitude e da proximidade da morte. Para Bobbio (1997), o sexagenário (terceira idade) está velho somente no sentido burocrático, porque chegou à idade em que geralmente tem direito a uma aposentadoria. Já o octogenário (quarta idade) seria aquele considerado como um velho decrépito, de quem não valeria a pena se ocupar. Nos dias atuais, aproximar-se dos 80 anos seria como estar na idade média de vida, conforme o filósofo italiano.

Sobre o sexagenário, na contemporaneidade a faixa etária vem marcada pelo caráter de reinvenção da velhice pela geração *baby boomer*. Isso implica dizer que tais sujeitos não teriam convivido ao longo de suas vidas com modelos que agora pudessem orientar suas vivências nessa etapa, desvinculando-os das amarras a padrões das gerações anteriores. De certa maneira, as subjetividades ganharam espaço de expansão sociocultural, tanto do ponto de vista individual, como do coletivo (Laslett, 1989; Silva, 2008).

Dois imaginários, portanto, emergem desses processos. No primeiro, está o envelhecer nos moldes tradicionais, que coloca a velhice como tempo de descanso, quietude e inatividade: a morte antes da morte. Para Silva (2008), tais sujeitos não conseguiriam, não poderiam ou não queriam criar para si uma velhice autônoma, ativa e prazerosa, fixando-se ao modelo de *velho senil* atrelado às questões de decrepitude, talvez até de forma indiferenciada de sua idade biológica e fisiologia. A decrepitude envolve perdas nas capacidades cognitiva e de memória, levando a “(...) lapsos de memória, dificuldade de aprendizado e falhas de atenção, orientação e concentração” (Schneider; Irigaray, 2008, p. 591) e à dependência, à fragilidade ou às ausências.

Tal imaginário se vê confrontado com a envelhescência associada ao “(...) estímulo à atividade, à aprendizagem, à flexibilidade, [ao] aumento da satisfação pessoal e à formação de vínculos afetivos inéditos” (Silva, 2008, p. 802). Essa característica relacionar-se-ia com o que seria o *velho infantil*, aquele sujeito designado pela expressão *melhor idade* e assim incorporado na mídia, na moda e no turismo, imbricado em modelos sociais, estéticos e afetivos que ocultariam sua decadência fisiológica e cognitiva. Portanto, trata-se de um tratamento



**Nos dias atuais, aproximar-se dos 80 anos seria como estar na idade média de vida, conforme o filósofo italiano Norberto Bobbio. (1997).**

que “(...) enfraquece a percepção da mesma como problema coletivo e, conseqüentemente, reduz a responsabilidade social no seu acolhimento” (p. 807). Ou seja, ainda que depreciativo, esse segundo imaginário representa um olhar sobre os velhos que exclui “(...) outros modos de envelhecer, em especial este cujas principais características seriam o descanso e a inatividade” (idem).

Em comum aos dois imaginários, está a velhice relacionada à dispensa das obrigações que marcam a vida adulta, ao estabelecer laços que se engajam em “(...) novas obrigações apenas na medida que estes se harmonizassem com seus interesses e perspectivas” (idem, p. 804). A velhice, e em especial a terceira idade, seria a fase da realização dos desejos internos com maior liberdade se considerado o praticado durante a fase adulta, com seus comprometimentos familiares e profissionais. Os desejos a serem atendidos incluiriam a disponibilidade para viajar, conhecer novos lugares e estabelecer novas relações.

Em decorrência, no momento em que o velho e o envelhecimento se transformam em segmento de consumo, principalmente para o turismo, não há lugar para o *velho senil*, pois este não teria condições físicas, biológicas e socioculturais para envolver-se em atividades de lazer externas a sua morada. Já o *velho infantil*, construído e cobiçado pelo mercado do lazer e das viagens, torna-se tão importante quanto a criança e o adolescente como novo segmento específico de consumidores, mesmo que para o desfrute do turismo, adaptações se façam necessárias nos locais visitados.

Na contramão dos processos de consumo, a literatura especializada compreende o envelhecimento como processo e o velho como sujeito desse processo no qual, na sua complexidade, emergem possíveis categorias e indicadores de análise. Pela sua diversidade, selecionamos para o presente estudo dois, entre os propostos por Bobbio (1997): a subjetiva e a sociocultural. Com elas, entrelaçaremos velhice e turismo pelo viés do Programa Viaja Mais Melhor Idade, instituído pelo Ministério do Turismo no Plano Nacional de Turismo 2007-2010, para a seguir recolocarmos em discussão os imaginários já comentados.

**Subjetivo** – Por mais que o processo de envelhecimento possa ser influenciado por fatores como gênero, classe social, condições de saúde, entre outros, a grande diferença na geração de neovelhos está pautada pela subjetividade dos sujeitos, entre outros, na percepção do tempo cronológico e do tempo (em) deslocamento. O tempo cronológico envolve, além do fisiológico, questões estéticas, memórias e afetividades nas trocas com outros sujeitos. O tempo (em) deslocamento associa-se à maior presentificação das vivências, em detrimento do refúgio nas memórias e no passado, ou mesmo, preocupações com o futuro.

A mitologia grega contribui para pensar sobre os tempos cronológico e (em) deslocamento através da figura de Hebe, filha de Zeus e Hera, que era a responsável por alimentar os deuses com o néctar da imortalidade e juventude eterna (Sears, 2010). Um descuido ao derramar o néctar sobre um dos deuses promoveu seu banimento da função e seu desterro para junto das Musas (responsáveis por rememorar passado e futuro para poetas, artistas e adivinhos) e das Horas (responsáveis por estabelecer as horas e as estações do ano, promoviam a legalidade, a paz e a justiça no mundo humano), passando a abençoá-las com a juventude eterna.

Da mesma deusa Hebe origina-se a palavra *hebefrenia*, que designa uma forma de esquizofrenia em adolescentes, em que há perda cognitiva e de memória, afetando deslocamentos espaço-temporais e afetividades, mas com sintomas muito semelhantes aos imputados ao *velho senil*, no qual há declínio do “(...) funcionamento cognitivo provocado pela falta de prática da memória, de motivação, confiança, além da solidão e isolamento” (Schneider; Irigaray, 2008, p. 591). Mas tal conceito também pode ser estendido ao *velho infantil*, abençoado com a longevidade e levado à infantilização pelo tratamento mercadológico, que afeta comportamentos, afetividades e memórias. Ou seja, afeta a autoconstrução dos sujeitos na sua capacidade de exercer controle sobre a vida, o comportamento e o próprio processo de envelhecimento.

**Sociocultural** – Como ponto de vista sociocultural, a geração *baby boomer* esteve e está relacionada a novas experiências vivenciais, entre outras, em relação ao território e ao lugar. Entretanto, a expressão terceira idade tem sido utilizada para tornar homogênea a faixa etária, composta de sujeitos diversos em termos sociais, culturais e nas experiências no processo de envelhecimento, em parte anterior à própria velhice (Silva, 2008). Isso leva ao que pesquisadores (Wiles; Leibing; Guberman; Reeve; Allen, 2011) têm tratado como *aging in place*, um guia para políticas públicas e privadas voltadas a promover a autonomia dos

**Artigo 1**Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações  
entre Turismo e Envelhecimentos

velhos, que os leve a permanecer em sua própria casa o maior tempo possível, sem ajuda de um familiar, o que não raro pode se transformar em solidão e abandono pelos círculos afetivos. O discurso do *aging in place*, de certa forma, aproxima-se ao do *velho infantil*, ao qual é atribuído o manter-se ativo, prático, juvenil e independente.

Como parte da discussão, o lugar (*place*) estaria mais próximo da experiência e da ligação com o território. Em geral, as afetividades e as experiências dos velhos tradicionais estariam associadas a mobilidades espaço-temporais por lugares a que estejam conectados por laços criados e vivenciados ao longo de sua vida. Já a envelhecimento estaria aberta ao percorrer, ampliando territórios e círculos vivenciais, o que significa a aquisição de novas memórias e a reelaboração das memórias estabelecidas. O que pretendemos colocar é que, ao se priorizar o tratamento mercadológico do envelhecimento, estejamos, talvez, entregando à esfera do consumo questões importantes, como as relacionadas à memória e à (re)construção do passado, que necessita do discurso de memória dos velhos para não se transformar num passado desabitado e desconectado do presente.

**O TURISMO DO VIAJA MAIS MELHOR IDADE**

O programa do Ministério do Turismo, Viaja Mais Melhor Idade, foi pensado para promover destinos na baixa temporada, ao mesmo tempo que incluía ofertas de viagens para a população idosa do país. Assim, tinha como objetivo “(...) proporcionar aos idosos, aposentados e pensionistas *oportunidade de viajar* e de usufruir os benefícios da atividade turística como forma de *fortalecimento* do setor de turismo no Brasil” (MTUR, 2007). O público-alvo do programa eram pessoas a partir de 60 anos, caracterizadas com a expressão *melhor idade*, a quem eram ofertados pacotes turísticos, hospedagem e transporte a preços diferenciados, no período de baixa sazonalidade, a fim de impulsionar o mercado interno durante esses meses. Na busca por reforçar a função social do turismo, o programa propunha “(...) fortalecer o turismo interno, promover o turismo como fator de desenvolvimento regional, assegurar o acesso de aposentados, trabalhadores e estudantes a pacotes de viagens em condições facilitadas” (MTUR, 2007, p.11). Ainda sobre o programa, De Carvalho e Da Silva (2014, p. 29) destacam:

Cabe considerar que os produtos turísticos para o público idoso devem atender a três critérios: conveniência, segurança e conforto (...). Esse público tende a ser menos propenso à exposição a riscos físicos, sociais e financeiros, ao contrário das faixas etárias menores, que têm maior tendência a se arriscar tanto em relação ao tipo quanto ao preço e a qualidade dos produtos consumidos. Pensando nessa questão, os pacotes turísticos com a marca “Viaja Mais Melhor Idade” deveriam oferecer pelo menos os seguintes serviços: (1) transporte de ida e volta (aéreo ou rodoviário); (2) hospedagem entre 3 e 8 dias; (3) no mínimo 2 passeios por pacote; (4) regime de meia pensão ou pensão completa; (5) *transfers* de ida e volta entre aeroporto e hotel; e (6) seguro de viagem.

O Viaja Mais Melhor Idade comercializou, no seu primeiro ano, 9 mil pacotes, número superior à meta programada de 7 mil vendas de viagens para doze destinos turísticos. Entre 2007 e 2010, o número de comercializações alcançou 599 mil, envolvendo quase 10% dos 5.565 municípios brasileiros. Assim, “(...) em 2010 havia 2 mil agências de viagem comercializando os pacotes turísticos do VMMI, além de 2.040 estabelecimentos de hospedagem e a Companhia Aérea Trip que ofereciam tarifas reduzidas para o público idoso” (De Carvalho; Da Silva, 2014, p. 30)<sup>2</sup>.

A desativação do programa em 2017 é algo a lamentar, considerando-se a demografia do país. Se em 2010 o Brasil registrava 20,6 milhões de idosos, em 2019 o número deve alcançar pouco mais 29 milhões e, em 2020, o esperado é um crescimento de 14,5% na faixa etária com mais de 60 anos (IBGE, 2010). Por isso a importância da manutenção de tais programas como política pública. Atender ao aumento de demanda da população idosa traz para o turismo o desafio de promover atividades que envolvam não só o deslocamento, mas práticas de lazer e cultura a ele associadas, tanto para sexagenários como octogenários.

Os números alcançados pelo programa indicam não só sua importância sociocultural e turística, como também trazem à berlinda a necessidade de se discutir seu impacto sobre a construção da velhice no Brasil. O turismo não deve ser tratado apenas pelo seu viés econômico, mas ser visto com uma atividade humana com impactos importantes sobre os sujeitos (velhos) viajantes e sobre o grupo social com o qual convivem no cotidiano.

**2** Após 2010, os dados sobre o programa são escassos. O programa teria sido desativado em 2017.

**Artigo 1**Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações  
entre Turismo e Envelhecimentos**ENCAMINHAMENTOS**

Ao sinalizar a *melhor idade* como envelhescência, e ser exposto o conceito de emancipação e liberdade para a faixa etária entre os 60 e os 80 anos, considera-se que o seu tratamento como segmentação de mercado está acompanhado de certa infantilização e marcado pelo desconhecimento da complexidade do envelhecer. Ao mesmo tempo, a independência e a autonomia implícitas na expressão *melhor idade* desobrigaria ações do Estado em prol dos velhos. A expressão estaria, nesse viés, mascarando as implicações e os cuidados que o envelhecer demanda e alijaria do processo a quarta idade, representada pelos octogenários.

Nesse processo, o programa Viaja Mais Melhor Idade alcançou 599 mil pessoas, que visitaram mais de 500 municípios brasileiros entre os anos 2007 e 2010, período ímpar também na economia brasileira. São números bastantes expressivos para um programa que procurou atender especificidades físicas, sociais e econômicas dos partícipes. Entretanto, mesmo que a proposta considerasse a prática do turismo como uma atividade eminentemente social, ao utilizar a expressão *melhor idade* na sua nominação, mostrou considerar o público partícipe, em princípio, como segmento de mercado. Tal tratamento tem estado presente não só no turismo, mas também nas mídias e na moda, dentro do que se passou a chamar *economia da longevidade*, orientada por novos padrões de consumo, a partir do redesenho social e familiar.

O aqui arrazoado não pretende desconsiderar a importância das viagens para uma vida ativa, saudável e mais aberta às diversidades sociais, étnicas, de gênero e políticas, em todas as faixas etárias. Como colocado, a mobilidade no e pelo território amplia horizontes e ressignifica a relação com os lugares, inclusive o próprio, o de origem do viajante. A viagem também obriga à presentificação da vivência, minimizando refúgios no passado. Para pensarmos o envelhecer em processos de mobilidade, podemos mais uma vez trazer Bobbio (1997, p. 30), quando discorre sobre suas experiências de velho, nos lembrando que o “(...) mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos”.

Os imaginários do *velho senil* e do *velho infantil* foram moldados pelas suas performatividades, afetividades, memórias e estéticas. Essas influências diretas e indiretas, principalmente pelo consumismo, não alteraram somente os imaginários, mas também as construções

dos próprios sujeitos, e sua capacidade de exercer controle sobre a própria vida, comportamento e processo de envelhecimento. Portanto, o deslocamento (físico e afetivo), ao reconstruir novas relações espaço-temporais para os velhos, envolve não apenas questões cronológicas e burocráticas, mas principalmente as subjetivas e socioculturais que impactam a construção e reconstrução de memórias, muito associadas à autoimagem de si e de sua imagem para a sociedade. ☞

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOBBIO, N. *O tempo da memória: de senectute e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DE CARVALHO, F. C.; DA SILVA, C. C. O turismo e a renda dos idosos: a experiência brasileira com o programa “Viaja Mais Melhor Idade”. In: *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos – Abet*, v. 4, n. 1, 2014, p. 26-34.
- FELIX, J. Economia da longevidade: um caminho para o desenvolvimento econômico. In: *Revista Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*, v. 29, n. 73, 2019, p. 8-31.
- GASTAL, S.; POSSAMAI, A. M. P.; NEGRINE, A. S. A viagem e a memória do idoso: um estudo na região da Serra Gaúcha. In: *Revista Turismo em Análise*, v. 21, n. 1, 2010, p. 89-109.
- IBGE. Panorama Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 20 out. 2019.
- LASH, S.; URRY, J. *Economies of sign and space*. Londres: Sage, 1994.
- LASLETT, P. *A fresh map of life: the emergence of the third age*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Programa Viaja Mais Melhor Idade*. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Viaja\\_Mais\\_Melhor\\_Idade.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Viaja_Mais_Melhor_Idade.pdf). Acesso em: 20 out. 2019.
- POLLINI, D. O envelhecimento e a moda: tecendo reflexões. In: *Revista Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*, v. 25, n. 61, jul. 2014, p. 8-25.
- SCHNEIDER, R.; IRIGARAY, T. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. In: *Revista Estudos de Psicologia*, v. 25, n. 4, 2008, p. 585-593.
- SEARS, K. *Tudo o que você precisa saber sobre mitologia*. São Paulo: Editora Gente, 2010.
- SILVA, L. R. F. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? In: *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 18, n. 4, 2008, p. 801-815.
- WILLES, J.; LEIBING, A.; GUBERMAN, N.; REEVE, J.; ALLEN, R. The meaning of “aging in place” to older people. In: *The Gerontologist*, v. 52, n. 3, 2011, p. 357-366.